

## ENTREVISTA COM HELENICE

### MORADORA E MUTIRANTE DO CONJUNTO FERNÃO DIAS

DATA:24/11/2021

LOCAL: ONLINE

PARTICIPANTES:

Roberto Eustaáquio

Giselle

Tiago

Josiany

Helenice

#### TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

#### SIGLAS (em ordem de aparição):

PAR - Programa de Arrendamento Residencial

COPASA - Companhia de Saneamento de Minas Gerais

CASA - Centro de Apoio ao Sem-Casa

ASCA - Associação dos Sem Casa de Belo Horizonte

PUC - Pontifícia Universidade Católica

ASP - Assessoria Social e Pesquisa

URBEL - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

**Giselle:** Então me conta o porquê dessa defesa da autogestão que você tava mencionando antes, a gente quer muito escutar porque que você é uma pessoa que vai lá e fala a respeito da autogestão bem e divulga pras pessoas.

**Helenice:** Tudo começa com o movimento de moradia. Apesar de a gente não estar na ativa por causa dessa pandemia e tudo mais, a gente tem que voltar, a gente nem sabe como tá realmente a situação de cada movimento de moradia. Já tem 27, indo pra 28 anos que eu to no movimento de moradia. O que você faz? Você conhece as famílias, você tem essa integração com as famílias, né? Acaba que aquela família vira seu parente mais próximo que os outros parentes. E aí você começa a pensar no bem estar dessa pessoa, como você quer pra você você também quer pra pessoa. Quando

a gente fala em autogestão a gente começa pelo alicerce. Primeiro pelo terreno, você começa pelo terreno, vai lá fazem aquela planagem para você. Depois vem o alicerce, ali já levanta as paredes e isso começa a fazer a integração. Essa integração que vai dar o nível de moradia para as pessoas, ter aquele contato uma com a outra sem ter problemas, né? As pessoas quando elas participam de uma autogestão que é um programa econômico, porque a gente economiza muito material. Você tem essa integração social, e você sempre buscando a cada dia se renovar, a cada momento se renovar. O que que eu posso trazer pro meu residencial? Posso trazer isso. O que que eu posso participar pro meu residencial? Posso trazer isso. Então você nunca para, você sempre tá nessa atividade. Não deixando de falar, que a gente tem que falar da autogestão e da gestão pública, gestão pública a prefeitura vai lá, ela já tem o terreno, constroi, te entrega e você não sabe qual vai ser seu vizinho, qual os hábitos dos seus vizinhos, né? O programa PAR, que é de arrendamento familiar e tudo mais junto com a CAIXA, você recebe o seu apartamento, mas você tá ainda naquelas condições, nunca pode atrasar as parcelas, né? Porque se você atrasar vai virando aquela bola de neve, vai virando, quando você vê você não é dono mais daquilo que você sempre sonhou. Então o autogestão não, o autogestão ainda te dá essas condições que a pessoa mudou pra lá ficou lá 3 anos, pagando as parcelas... Uma coisa que a gente tem que deixar bem claro é que não é, às vezes as pessoas acham que a prefeitura tá dando, a gente ganhou, até as próprias pessoas que são moradoras eles falam: "ah ganhei isso da prefeitura", mas não é. É cada um pagando dentro das suas condições. É aquilo que a gente trabalha com as famílias, a dignidade, pra ser respeitado. Aí as pessoas vai lá, pega seu apartamento do programa do PAR, perde. Do autogestão não, da autogestão você tem como negociar, pedir pra congelar aquelas parcelas, quando você voltar na ativa de trabalho que sejam suas condições financeiras, você vai retirar uma por uma devagarzinho dentro das suas condições financeiras. Então esse é um programa que eu sempre vou lutar e sempre vou desejar que ele continue. Isso sem falar na oportunidade que a gente tem de conhecer os engenheiros, os pedreiros que vão pra lá pra obra ajudar a gente lá, isso é muito bom.

**Giselle:** Bacana demais. Eu fiz um roteirinho aqui dessa conversa nossa, mas na verdade é pra você ficar livre. Eu acho ótimo quando a pessoa que a gente tá conversando... A gente tá conversando com muitas pessoas que participaram desde moradores que participaram do movimento mesmo de moradia dos sem casa, até arquiteto, engenheiro, pessoas da prefeitura, por exemplo a gente conversou com Mônica Bedê, que fez parte da política, que formulou, enfim... A gente tá conversando com várias pessoas porque a ideia é de retomar um pouco dessa história da autogestão a partir de diferentes vozes, não só das pessoas que gostam da autogestão e que acham interessante, mas também de outros discursos que eventualmente não acham tão legal. Então a gente tá contrapondo porque a ideia é realmente mostrar essas diferenças todas e expor uma experiência que pra gente é uma experiência que é pouco divulgada, poucas pessoas sabem a respeito. A gente lá dentro da Escola de Arquitetura, poucos alunos sabem a respeito dela, então a nossa ideia é de expansão dessa autogestão a partir das diferentes opiniões, diferentes vivências... E aí nada melhor do que conversar com as pessoas que participaram pra entender como foi.

**Helenice:** Uma coisa que você falou até sem querer, mas que as pessoas falam mesmo... Quando as pessoas falam assim: grupo dos sem casa, pessoal dos sem casa... Só que esse grupo ele tem... Onde que eu falo que começa a dignidade é por aí, né? Ele tem, ele vem de algum lugar, ele vem de uma casa de favor, ele vem de um aluguel, ele vem talvez de um empréstimo que a pessoa fez pra aquela pessoa cultivar aquela casa ali. Então eu sempre, quando a gente tiver a oportunidade de

falar, você vai ver sempre eu levantando a minha mão lá, porque é isso . A gente vem de um teto, a gente não é sem teto, a gente não é grupos de sem casa, a gente tem uma casa, tem uma casa que a gente mora, não é digna, a gente não tem ela ainda financeiramente pra falar que é da gente, mas a gente sai de algum lugar. Porque que eu tô falando isso? Que é onde que as vezes a gente encontra essa discriminação do grupo de sem casas. **[Fase de mobilização]** Quando a gente começou logo no começo a gente tinha isso, eles achavam “ah aquele pessoal vai invadir, aquele pessoal veio pra invadir”. A gente tinha um terreno, quando a gente conquistou no Orçamento Participativo, excelente local. Não que o Fernão Dias não seja excelente, mas o local era ótimo. E aí antes de a gente tomar posse daquele terreno, antes do pessoal saber que aquele terreno ia ser financiado pro pessoal de movimento de moradia o pessoal fez um abaixo assinado, falou que não tinha condição daquelas famílias estarem ali, porque o custo de vida daquelas pessoas era baixo e lá o nível era mais... né? E acabou que a gente foi colocado num outro lugar, sem ter direito a fala, sem as pessoas até conhecer quem era esse pessoal de movimento de moradia. Então com isso a gente já começa, o autogestão começa aí: é o respeito. É a dignidade. Eu às vezes com o pessoal lá do movimento eu falo com eles assim: “gente, quem entra no movimento de moradia pensando que vai ganhar alguma coisa está totalmente enganado.” Porque o dia que você não tiver condição de pagar sua prestação você vai ter que ir lá, concorrer junto com outro pra pegar as latinhas pra poder vender, porque isso já aconteceu realmente nos movimentos. Então já começa por aí. Essa autogestão a gente já está ensinando o pessoal a trabalhar. E isso sem falar também nas oficinas que no autogestão a gente consegue. As oficinas dão essa oportunidade para as pessoas estarem buscando o seu financeiro para poder pagar.

**Giselle:** Pois é. Essa correção que você fez foi super importante, porque ninguém nunca me corrigiu a respeito desse termo “sem casa”. Na verdade, eu até então achava que era o modo como o próprio movimento se referia. Ninguém nunca falou “não, isso tá errado”. Então estou achando ótimo sua fala, nesse sentido de contextualizar, porque uma das questões que a gente tem inicialmente é até saber, antes de mudar pra esses conjuntos da autogestão, onde vocês viviam, qual era esse local de origem, se era uma habitação alugada, se era morar de favor, enfim, a condição. Então, eu te pergunto, qual era sua moradia anterior, qual bairro e explica um pouquinho essa origem, antes de você entrar no movimento, como que era essa casa sua?

### **[Habitação]**

**Helenice:** Era aquela casa de favor, né? Eu morava na casa da minha sogra que morava em São Paulo, aí eu cuidava e zelava da casa dela e ali eu morava de favor. Era um favor porque era um prestando o favor pro outro. Eu prestava o favor de cuidar da casa dela e ela deixava a gente morar. A gente não pagava aluguel nem nada, só as taxas da COPASA, esses trem assim... Aí eu vim do Bairro Goiânia. Eu nasci realmente no Bairro Goiana, morei numa parte porque o Goiânia é dividido em A, B e C. Sempre morei no B. Aí depois casei, fui morar no Goiania A, que era o da minha sogra. Ali eu comecei... **[Fase de mobilização]** Aí fundaram uma associação para moradia, aí eu fui na primeira reunião, e eu gosto muito de falar, tudo que é movimento em prol dos outros. Porque uma coisa também que a gente tem que deixar claro é que mesmo a gente tendo essa parceria com a prefeitura a gente não tem fins lucrativos nenhum. É realmente prestar serviço, a gente se doa. Aí eu fui pegando amor, fui pegando gosto. E a associação quando a gente começou, quando se fala

“movimento de moradia que vai dar casa”, nem tava dando, a gente nem sabia como funcionava, a gente não tinha estatuto ainda, a gente não tinha nem registro de associação ainda quando a gente começou. Mas a gente fundou aquilo e tudo mais e ficou. Aí depois a gente foi procurando outros meios, aí foi e registrou a associação. Pra registrar a associação a gente teve que fazer o estatuto. Então no dia que a gente sentou pra poder tirar, fazer o estatuto, depois fazer a diretoria, nossa... Isso que foi mais gostoso. Não é porque a gente tá como diretoria principal, não a gente não trabalhava com isso, a gente nunca trabalhou como cargo, a gente trabalhava a união. Se hoje eu sou coordenadora geral, amanhã eu sou tesoureira, esse título de ser coordenador de alguma coisa a gente não trabalhava com isso, a gente queria era trabalhar mesmo, trabalhar em função da união um com o outro. E não é só a associação que eu participei e participo dela não, as associações até hoje a gente trabalha desse jeito, em prol, um com o outro, ideias, buscar... Entendeu? Aí depois que a gente fez o estatuto que foi tão gostoso, a gente já começou. E essa Associação ela começou com 148 pessoas. Aí depois essa associação foi decaindo, o pessoal via que com 2 meses não tinha nada, 3 meses não tinha nada, 6 meses então... Então foi decaindo. Aí a gente foi procurar a prefeitura, a prefeitura já veio falar com a gente como que ia ser, teve uma reunião com o pessoal, depois de 6 meses que a prefeitura deu a cara. Aí falou lá, essas pessoas que estão aqui elas estão trabalhando em prol de vocês mas vocês, pra se formar essa associação, ela precisa de vocês. Aí depois a gente, no Orçamento Participativo, a gente conquistou as unidades. Aí quando a gente fala que conquistou essas unidades parece assim, você recebeu essa unidade, daqui um ano já tá pronto. Não. Depois de 12 anos que foi a primeira unidade que a gente conseguiu. Aí a gente conseguiu a do Fernão Dias, do Jaqueline, Urucuia, Serrano, Dom Silvério. Então quando você manda, você tá com um número de cento e tantas pessoas, você tira 8 unidades, como que você tem que fazer pra contemplar essas pessoas? Aí vem o sorteio. Aí esse sorteio tem que ser por tempo de participação, aquela que contribui mais pela associação, que trabalha pela associação. Da diretoria como que é tirado? Da diretoria só pode tirar duas vagas, pra poder dar as outras 6 vagas... E mesmo assim tudo em sorteio. Tanto é que a primeira vez eu fui sorteada, aí consegui, era pro Fernão Dias. Aí eu pensava assim: ah gente, eu pelo menos não pago aluguel, tô morando aqui na casa da minha sogra... E o medo também de ir pra um bairro que você ainda nem tinha conhecimento e tal, de conviver com outras pessoas, mesmo que tenha essa integração. Tudo dá essa insegurança. Aí eu falei: gente, eu agora no momento não estou tão apertada, então vou colocar meu nome de novo aqui, vou tirar meu nome, e vou voltar essa unidade pra ser sorteada. Aí eles falaram: então faz o seguinte, já que você tá fazendo, você vai pro suplente, então, porque você já tá dando sua vaga então mais do que certo você ficar pro suplente. Aí tiraram lá uma outra pessoa, a pessoa ficou feliz e tudo mais. Aí eu fiquei no suplente mais ou menos uns 3 anos. Aí com 2 anos e 4 meses essa pessoa desistiu, ela foi lá e fez a desistência, aí a prefeitura me chamou e falou comigo, que naquela suplente tinha que ser eu, porque tava ali no nome e tudo mais. Aí lá vou eu de novo. Aí minha sogra foi e falou: “olha aqui, você já mora na minha casa, já tem 8 anos que você tá morando lá. Tem hora que eu tenho até medo de você pegar algumas famílias e trazer pra cá. Então agora você vai fazer o seguinte: ou você pega isso ou você sai da minha casa.” Mas é igual ela falou: “tinha que dar um aperto nela, porque se não ela ia fazer isso, pensando sempre nos outros e não pensava nela.” Aí foi onde eu fui e comecei a participar, além das reuniões da associação a gente ainda tinha que participar da associação do Fernão Dias, onde ia ser construído. Aí a gente se dedicou com amor, carinho e tudo mais.

**Giselle:** O que eu queria entender melhor são essas associações. Tem a associação que foi formada pra constituição do Conjunto Fernão Dias, mas você falou de uma outra associação.

**Helenice:** A Associação Habitacional Harmonia e Esperança foi a que a gente fundou, que é a do movimento de moradia. Vocês vão ter depois mais contato com outras associações, igual a gente é filiado à arquidiocese pelo CASA que tem várias associações. Acho que vocês já devem ter esse conhecimento, né?

**Giselle:** A gente conversou com o pessoal da ASCA.

**Helenice:** Ah, que legal, é isso mesmo. Só que o ASPA é como se fosse mas o CASA é que segura a gente. E a gente tem também parcerias com as instituições fora, eu acho que eles devem ter explicado isso pra vocês, né? Que é onde que dão as oficinas, os cursos pra gente conseguir se manter financeiramente, entendeu?

**Giselle:** Isso a gente não sabe muito a respeito não, seria a assessoria? Explica pra gente como foi porque do pessoal da ASCA foi bem diferente, eu acho, do processo que vocês tiveram.

**Helenice:** O pessoal que chegou agora no ASCA e tal, são algumas pessoas que estão chegando. Igual eles falam: quem pode contar as histórias pra gente mesmo como que é é vocês que já estão aqui há praticamente 28 anos, né? Então vocês sabem onde que fundou o ASPA, né? Que é nosso CASA agora. Onde? Foi lá na Rua Espírito Santo. A primeira unidade deles foi lá. Aí depois a gente desceu para a Além Paraíba, que a gente está até hoje. Então já passaram várias diretorias, vários padres que fazem parte dessa diretoria que já passou pela gente e tudo mais, mas a gente tem essa história que você vai perguntando. Os cursos que a gente faz... Eu mesma fiz vários cursos. Tive a oportunidade de ter uma feira de artesanato, pela oportunidade que eles deram. As oficinas de culinárias que eles deram, a oportunidade que as pessoas tiveram para estar ingressando e estar trabalhando pra buscar esse recurso é muito boa. Mas aí esse recurso vem da onde? Esse recurso vem da parceria de fora, das entidades de fora que mantêm isso pro pessoal de movimento de moradia.

**Giselle:** Então deixa eu ver se eu consegui compreender o todo: Vocês tem uma relação com a CASA, que tem uma relação com a igreja, não é isso?

**Helenice:** É. Com a arquidiocese.

**Giselle:** E aí você me falou que vocês fundaram o Harmonia e Esperança.

**Helenice:** É, o Harmonia e Esperança é uma associação que é do bairro Goiânia. Aí um exemplo: lá no São Marcos tem outro movimento de moradia, aí tem um outro nome. Lá no Bairro São Paulo tem outro. To falando aqui da regional Nordeste mas são várias regionais, que essas regionais tem os movimentos de moradia. Tanto é que lá na prefeitura, quando alguém quer dizer: "eu quero me cadastrar, como que eu faço?". Aí lá tem a listagem: "você mora onde?" "ah, eu moro lá no Bairro Ipê." "então esse Bairro Ipê fica na regional Nordeste". Qual o movimento que você vai procurar, que você vai se identificar mais? Que você não vai precisar pagar passagem, vai poder ir nas

reuniões. Porque as reuniões são uma vez por mês, só quando tem alguma coisa extraordinária que precisa de marcar. Mas as reuniões, sendo uma vez por mês, ter a capacidade de todo mundo participar. O associado participar. Aí eles olham isso também, esse lado. A prefeitura já tem a escala dos números de associações que são cadastradas.

**Giselle:** Entendi. E aí esses cursos que você mencionou, essas oportunidades de qualificação, elas aconteceram em qual momento? Essa parte que eu fiquei um pouco na dúvida. Você falou dessas parcerias externas, foi quando? Foi pelo CASA? Ou já foi dentro do movimento de moradia da regional?

**Helenice:** Não, pelo CASA juntamente com os grupos de moradia. Porque eles dão uma lista pra gente dos cursos que vai ter, das oficinas e tal. Ali pergunta para aquelas famílias qual que tem interesse. Não é só de culinária, tem também de eletricidade, tem isso pela PUC. Porque a PUC também oferece isso. Tem a da arquidiocese, esqueci agora, que oferece outros cursos. A gente tem curso de liderança, como fazer uma liderança, que vai ensinar você a fazer ata, ensinar você como fazer um ofício. Entre outros cursos, pra quem não tem muito... "Eu não quero saber nada disso, eu não quero saber de eletricidade, eu não quero aprender nada de engenharia..." Até curso de construção civil teve para as mulheres. Essa oportunidade das mulheres poderem estar indo e construindo, não só sua casa mas ir para uma obra também, emprego e tudo mais. Aí vem os outros cursos de culinária, pra quem gosta, de costura, artesanato e por aí...

**Giselle:** Muito bacana. Esses cursos aconteceram no momento, por exemplo, que vocês já tinham conquistado o terreno ou eles aconteceram antes?

**Helenice:** Alguns aconteceram antes. Mas como todo ano tem que ter umas duas oficinas, aí sempre tem. Nunca que pára não. Só parou agora por causa da pandemia. Mas mesmo assim a gente já tava com projeto montado já dos cursos que foram na escolha.

**Giselle:** Então mesmo lá naquele comecinho do movimento de moradia já existia esse projeto de vários cursos?

**Helenice:** É já tinha os cursos já que a gente fazia.

**Josiany:** Pelo que entendi a CASA oferecia esses cursos constantemente, né? Pra todo mundo que se interessasse, independente do processo de moradia de cada associação, né? Se estava mais avançado, ou mais pra trás... Essas oficinas meio que aconteciam com uma certa frequência, é isso?

**Helenice:** Isso. Até mesmo por movimento, entendeu? O movimento já estava ali e dentro do movimento, que a gente já é afiliado com o CASA, o CASA dava essa oportunidade para as famílias. Às vezes o pai e a mãe não estavam interessados, mas tinha o filho que estava interessado. Então esse curso sempre teve.

**Giselle:** Ótimo, isso ficou muito claro agora. Porque realmente a gente sabia que tinha alguns cursos durante a obra, muitas vezes da própria assessoria técnica, que puxava tudo. Mas eu não sabia que o CASA promovia esses cursos.

**Helenice:** Promovia e ainda promove. Agora mesmo, uma vez por mes a gente tem as reuniões online e tudo mais, e tem alguns cursos que tem uma professora, que não sei se vocês conhecem, a professora Fátima.

**Giselle:** Ela é de qual escola?

**Helenice:** Ela é da UFMG e ela tá junto com o CASA, foi contratada pela arquidiocese, ela é da Receita. Então qualquer dúvida que a gente tem sobre estatuto. Não deu pra eu fazer o registro, não deu pra eu fazer a declaração, aí ela faz esse serviço pra gente, essa professora. Ela é legal demais.

### [Relações de vizinhança e ações comunitárias]

**Giselle:** Deixa eu voltar aqui então em umas perguntas iniciais. Hoje em dia você está atuando junto a algum movimento? Alguma entidade, Helenice?

**Helenice:** Hoje infelizmente, eu só entro em contato com as meninas, porque a gente está parado agora na pandemia. Pra frente que a gente vai estar buscando saber como vai ficar a situação, junto com a professora, porque ficou parado, aí eles tem que entender, né? Infelizmente, eu faço um tratamento de leucemia e aí eu não posso ter contato por causa do transplante que eu fiz. Então você imagina eu ficar presa dentro de casa, agora até que está ficando melhor porque onde que eu estou morando dá pra fazer uma horta, tem um jardim, então dá pra trabalhar um pouco a cabeça quando fica te cobrando alguma coisa a mais. O movimento mesmo é o movimento de moradia que não tem como eu parar. O que eu estou buscando agora mesmo que eu estou trabalhando e que também está me fazendo muito bem é que como algumas famílias, com essa pandemia, ficaram sem buscar o seu financeiro e estão passando necessidade. Aí eu falo que eu não busco atrás dos políticos não, pessoal até esses dias falou: "Helenice, eu sei que você faz sua cesta aí, tem como você olhar com um político?". Eu falei que não, eu tenho as minhas formiguinhas, as minhas formiguinhas é tipo assim: eu já tenho amizade com vocês aí eu ligo pra você: "tem como você me dar um pacote de arroz? Você pode me dar um óleo?". Até fralda geriátrica as pessoas têm buscado para quem está internado. Isso aí, graças a Deus, a gente está conseguindo. Então a gente começou com a pandemia, as famílias ficaram sem nada, aí a gente começou a dar suporte para seis famílias. Aí depois essas famílias caíram para quatro, de quatro caiu para duas, de duas ficou só uma e agora a gente... Aí eu falei: agora eu não mexo mais com vocês, estou mudando do Fernão Dias, não quero saber. Aí quando foi há 15 dias atrás teve um caso sério aí a gente conseguiu montar duas cestas para duas famílias que realmente estava precisando. Então isso me faz correr atrás, buscar. Essa coisa de você se doar, você estar aqui para se servir mesmo. Então isso me faz bem, mexer com esse tipo de movimento agora de fazer doação.

**Giselle:** Muito legal. É uma rede de solidariedade mesmo, né? Que vocês estão cultivando. Muito interessante. Helenice então vou fazer umas perguntas só para direcionar um pouco mas você fique livre para expor da forma como você achar melhor. No Fernão Dias, especificamente, depois de vocês terem passado pelo CASA, constituído a associação, teve a associação do Fernão Dias, propriamente, né? Como que chama a associação de lá?

**Helenice:** É Associação Habitacional Fernão Dias mesmo. Porque que tem que ter essa associação? Porque a gente a gente é moradores e precisa ter o estatuto, essa associação ela tem que ser registrada, apesar de que é um residencial. Agora que mudou, há pouco tempo agora teve que mudar, que até o momento que era Associação Fernão Dias, era a prefeitura que estava tomando conta. Agora não, já passado o período já. Igual eu já consegui quitar minhas prestações, já tem três ano que eu fiz a quitação do meu apartamento, então já viu que tem que mudar... E agora é Residencial Fernão Dias.

**Giselle:** Então quando vocês formaram a associação do Fernão Dias você me disse que vocês tinham antes diretoria, tinha os estatutos, quem que qualificou vocês para fazer isso? Você falou nesses cursos do CASA, mas especificamente lá pro residencial Fernão Dias, como que foi isso? Quem amparou vocês juridicamente nesse processo de abertura da associação? A prefeitura ajudou de alguma maneira?

**Helenice:** A prefeitura fez uma assessoria. Essa assessoria técnica que preparou a gente. E também tinham muitos coordenadores lá bem preparados. Uma das pessoas que eu mais tiro o chapéu e aprendi, mesmo a gente fazendo curso, mas você aprende cada dia, você aprende um pouquinho: o Herval foi um excelente coordenador. Ele para poder administrar aquele residencial, administração dele é de tirar o chapéu, se vocês um dia tiverem a oportunidade de conversar com ele vocês vão ver que pessoa para poder administrar. Hoje em dia ele não mora lá, ele saiu de lá, já vendeu o apartamento dele, ele tem uma casa propria. Mas o período que ele ficou ali ele buscava tudo para o residencial. E era um mestre em trabalhar, em sabedoria. Aí tem a Maria da Luz que também é parceira dele. Parceira que eu falo é junto com a gente e tal, mas que tinha um nível social também, ela formou também e ajudou. Aí a gente ia buscando esses recursos.

**Giselle:** E quando você fala coordenador é coordenador, então, dessa associação do Fernão Dias?

**Helenice:** Quando eu falo coordenador eu falo coordenador geral. Porque o coordenador geral é aquele que está sempre na frente, aí vem depois os tesoureiros, vice e tudo mais... Esse conjunto aí, esse global de pessoas que trabalharam juntos, nós trabalhamos juntos. Quando chegou lá e precisava ter essa diretoria completa, então, a gente tava ali.

**Giselle:** E essa diretoria já do Harmonia e Esperança, né?

**Helenice:** Não. Harmonia e Esperança é uma. A do Fernão Dias era outra. Do Fernão Dias são pessoas que foram para o Fernão Dias e que se formou uma outra diretoria.

**Giselle:** Aí o Herval, por exemplo, já é do Fernão Dias especificamente?

**Helenice:** É do Fernão Dias. Que veio também de uma outra associação, com outro cargo, na associação dele lá ele tinha um cargo. No Fernão Dias ele teve outro cargo. Igual no meu caso, eu no Harmonia e Esperança, era coordenadora geral, lá no Fernão Dias eu já tinha outro cargo, da diretoria.



## [Fase de mobilização]

**Giselle:** Era isso que eu queria entender, essas relações. Mas de alguma maneira as pessoas que ocupavam alguma liderança, parte da diretoria, da coordenação, no geral das regionais, elas de alguma maneira também ocupavam nesses conjuntos, né? Na hora que foi pra obra, propriamente, ou isso mudava muito?

**Helenice:** Não entendi.

**Giselle:** Você falou que no seu caso você ocupava lá como coordenação geral no Harmonia Esperança, e aí foi para o Fernão Dias já ocupando um outro cargo mas também um cargo de liderança.

**Helenice:** É. No Fernão Dias eu fiquei como fiscal, entendeu? Já era um outro cargo. No Harmonia e Esperança era de coordenadora geral. Aí lá no Fernão Dias já era outro cargo.

**Giselle:** E como que definia quem que ia ocupar cada cargo? No caso lá do Fernão Dias já.

**Helenice:** No Fernão Dias foi por votação de chapa. Aí tinha a chapa 1 com seus membros e tal. A chapa 2 com seus membros e tal. Aí venceu aquela chapa que a gente tava, tava o Herval, tava a Maria da Luz. A gente ficou anos e anos trabalhando.

**Giselle:** Isso pra gente é muito interessante de entender porque cada conjunto aconteceu de uma forma distinta então você contar esse processo do Fernão dias em particular esclarece bastante.

**Helenice:** Essa integração que a gente faz, essa coisa de vir de uma associação, cada um vai trazendo uma coisa na sua mala, né? Que vai acrescentar.

## [Dados gerais]

**Giselle:** E eu queria entender agora, lá da sua casa... Hoje em dia você está em outro lugar, mas até então você morava no Fernão Dias. Quantas pessoas que moravam com você?

**Helenice:** Marido, três filhos. Fora os outros filhos que eu tenho de coração, eu tenho um monte de filhos de coração. Você tem que ver é no final do ano quando junta todo mundo. Então a gente começou com cinco dentro de casa, depois meu filho mais velho arranhou uma namorada e eles foram morar juntos. Aí hoje em dia é eu, o pai, a minha menina e o meu menino que está se formando agora. Ele [o filho] é em Ouro Preto, que ele faz faculdade lá, aí ele falou: mãe, em Fevereiro eu estou voltando, porque acabou a pandemia e agora é pra valer mesmo, que é o ultimo ano dele. Aí eu falei: gente... mais um que lá vai. Depois a minha menina já ta falando: mãe, eu vou fazer um curso. Vou acabar ficando sozinha. Aí meus filhos de coração: não, você nunca vai ficar sozinha, por isso que você tem bastante filho de coração.

**Giselle:** É isso né, a casa expande, reduz, mas vai modificando, isso é legal demais.

**Helenice:** O pessoal não abre mão quando a gente vai fazer nossas reuniões. Porque a gente tem uma preparação, não é que a gente chega lá. Primeiro a gente tem uma reunião, um encontro com a prefeitura, com o CASA, para passar informação do que está acontecendo, pro pessoal. Aí para a gente fazer aquela peneirada e tudo mais e a gente tem que ter uma reunião com a diretoria da associação Harmonia e Esperança. Então assim: a gente tem uma reunião com o CASA, a gente tem a reunião com a prefeitura, que é a União, aí depois a gente junta tudo isso e começa a se preparar para fazer a reunião com o povão. É tipo uma triagem que a gente faz, entendeu?

**Giselle:** Bacana. Esses processos são importantíssimos de a gente visualizar. Acho que de uma forma geral eles acontecem meio parecidos com todos, mas na hora que chega no conjunto específico aí a coisa muda um pouquinho. Mas bem legal. Eu to lendo aqui pra eu não me perder, pra eu conseguir perguntar todas as coisas que eu acho que são importantes. Da sua casa mais alguém, seu marido ou seus filhos chegaram a participar, envolver? Seja com o movimento, seja com a obra.

**Helenice:** Sim. Meu marido fez parte também da diretoria. Quando faltou candidato, aí você já viu, a gente precisava registrar, né? Aí ele participou. Inclusive até hoje ele participa. Eu não sei se o CASA falou com você que em agradecimento, sempre no final do ano a gente faz as nossas missas e aí junta todos os movimentos para poder participar. Tem essa missa em ação de graças que ela tem coreografias e aí além de ele participar do coral ainda tem essa preparação da coreografia que tem que ser feita. Então, já tem anos que ele trabalha com o movimento com essas coreografias em Ação de Graças que a gente tem. Aí depois veio esse meu filho que está para formar agora, ele trabalhou também na parte que a gente precisava na diretoria. A gente estava precisando de alguns trabalhos que tinha que fazer ata e estava em um período que eu não estava dando conta aí ele também veio participou e tudo mais, mas também já saiu. Aí agora tem um outro, que ele faz parte também da diretoria, dá uma força do mesmo jeito que o outro faz, monta ata pra gente... Porque a gente vai chegando em um certo ponto a gente fica lenta, invés de digitar você fica catando... Aí essa parte de informática eu não sou muito boa não. Aí eles estão aí para poder ajudar a gente.

**Josiany:** Então a família inteira participou no fim das contas.

**Giselle:** E continua né.

**Helenice:** E todas as pessoas que eu vou vendo que tá tendo a oportunidade de a gente está buscando, mesmo esse serviço voluntário, mesmo sem interesse... Porque graças a Deus, com isso, a gente tem muitos padrinhos, sabe? Antes da professora Fátima estar trabalhando com a gente a gente já tinha um amigo nosso, que é contador, que ele fazia pra gente a declaração todas as vezes da associação. Então essa parte de declaração, a gente nunca teve dor de cabeça porque sempre tinha um padrinho que fazia isso pra gente.

## **[Habitação]**

**Giselle:** Em relação a habitação você me falou que já terminou de pagar as parcelas, né? Mas vocês receberam a escritura? Já tem algum documento?

**Helenice:** Recebi. Inclusive, foi semana passada, a gente está colocando, enquanto a gente está mudando, pega aquele documento importante e vai colocando tudo na caixa. Documento importante. Aí quando fui tirar, falei que tava precisando de um documento, tava lá. A gente recebeu sim esse documento. Na oportunidade que você quiser eu procuro pra você, pra você ter pelo menos uma ideia de como que é essa escritura nossa.

**Giselle:** Beleza. Eu estou perguntando porque em alguns conjuntos mais recentes... Vou citar um caso, por exemplo, no Santa Rosa II. O pessoal nem começou a pagar, né? Porque foi outro processo. Foi a segunda fase da autogestão. Enquanto que nos conjuntos mais antigos, Uruçuia, Villarégia, algumas pessoas ainda não terminaram. Quer dizer, há dois anos atrás que foi a última vez que eu fui lá, antes da pandemia, não tinham terminado de pagar e ainda não tinham escritura. Mas é para entender essa dinâmica.

**Helenice:** Inclusive no Fernão Dias tem família que... Como trabalhou na cabeça "isso aqui eu ganhei" ou então "isso aqui a prefeitura nunca vai tomar de mim". Então tem gente que não pagou. A gente sabe que não tem essa quitação, da escritura e tudo mais. Mas o pessoal do movimento desde o começo a gente fala isso: se você quer ser respeitado, se você quer ter sua dignidade de falar é minha, igual eu falo, eu posso alugar? Posso. Porque é meu. É isso. É você pagar. E as prestações vou te falar assim.... Esse programa logo quando eu adoeci a gente realmente foi lá na prefeitura, falou que a gente estava com umas prestações atrasadas e as condições. Eles foram e falaram: você vai ter o período que você puder, depois você volta aqui quando estiver em condições e tudo mais. Foi o que a gente fez. Então essa oportunidade a prefeitura sempre deu para as pessoas. Se eu falar com você que já tem três anos que eu fiz a quitação do apartamento, quer dizer, coisas que outras pessoas poderiam fazer. Porque o conjunto vai fazer agora 21 anos de moradia. E para quem sabia que era 18 anos para pagar o financiamento. O que a gente ficou mais surpreendido foi quando eles ligaram e falaram: você já pode quitar seu apartamento. Aí tava faltando uma taxa eu falei: nossa, e agora? Que taxa que vai ser essa? Eu surpreendi com o valor da taxa, porque achei barato dentro daquelas condições. E a gente não pagou cartório, não pagou nada, a prefeitura fez tudo bonitinho, entregou a documentação toda bonitinha.

**Giselle:** Então a prefeitura teve essa proposta de que quem quisesse quitar de uma vez, não ficar pagando as parcelas até o fim, pudesse pagar. Aí quem tivesse condições acabou fazendo isso de fato, né? Legal.

**Helenice:** Eles até pediram para a gente conscientizar as pessoas sobre isso, sabe? Porque até algumas famílias a gente conseguiu isso. A pessoa: "ah fulano falou assim comigo que não precisa fazer essa quitação não..." Mas olha aqui, não é melhor você ter um documento que é seu? Vai lá, negocia com eles, vê e tal. Quando a pessoa foi lá falou: nossa, eu não pensava que ia ser tão barato, que eu não tava devendo tanto assim. Então a gente sempre tem que buscar isso aí para poder ajudar.

## **[Habitação]**

**Giselle:** Voltando a sua casa no Fernão Dias, você chegou a fazer algum tipo de reforma?

**Helenice:** Fiz bastante. Você coloca a casinha dos seus sonhos. Porque eles entregaram no grosso, piso grosso, parede... Aí a gente faz uma coisinha, passa um tempo você faz isso. Você sempre está mudando. Meu apartamento realmente ficou um sonho, do jeito que eu queria.

**Giselle:** Depois você podia mandar foto pra gente.

**Helenice:** Mando. Não posso ficar falando muito dele que eu estou aqui em uma casa de vó, aí eu fico falando eu fico com saudade.

**Giselle:** Mas se você puder depois mandar alguma foto para a gente ter uma noção. Porque a gente tem o projeto de quando foi feito com os arquitetos e tudo e a gente queria muito comparar quais foram as modificações que os moradores fizeram ao longo desses 20 anos.

**Helenice:** Eu tenho até umas fotos de quando a gente começou do mutirão. Tem foto do mutirão, foto das primeiras paredes que foram feitas. Aí vou juntar tudo e vou mandar pra você.

**Giselle:** Então essa questão das modificações. Você teve alguma dificuldade para fazer essas reformas? Foi você mesma que fez? Você contratou mão de obra?

**Helenice:** A gente tem os parentes né? Que é mestre de obra. Meu marido na época também trabalhava com construção civil. A gente foi beneficiado, graças a Deus, pela amizade e também por algumas coisas que as pessoas passaram para a gente também.

**Giselle:** E hoje em dia você teria vontade de mudar mais alguma coisa?

**Helenice:** Não, hoje em dia está ótimo do jeito que está. Hoje em dia é só curtir mesmo.

**Tiago:** E só para esclarecer, Helenice, essas mudanças que vocês fizeram foram mais de revestimento, essas coisas? Ou também teve construção de parede, alguma mudança maior de cômodo?

**Helenice:** Teve. Não foi só eu não. Inclusive a menina que mora em cima, que eu moro no terceiro, moro no 304, a menina que mora no 404, esse mês que passou que ela teve condição de colocar o apartamento dela do jeito que ela queria. A patroa deu a metade de presente pra ela e a outra metade ela ia pagar. Depois de mais de 20 anos agora que ela vai ter a oportunidade de ter o apartamento dela do jeito que ela queria. Modificação de parede, de piso. Aquela coisa, o sonho da gente nunca acaba, né?

### **[Relações de vizinhança e ações comunitárias]**

**Giselle:** Como é essa relação sua com os vizinhos de lá? Não no período da pandemia porque a gente sabe que na pandemia virou tudo de pernas pro ar e a coisa realmente mudou. Mas antes e mesmo agora que aos poucos as pessoas estão sendo vacinadas e a vida está voltando a alguma normalidade, como é a relação dos vizinhos do Fernão Dias de uma forma geral? Você considera uma boa relação? Você acha que as pessoas não são muito do convívio? Como funciona lá?

**Helenice:** O que acontece hoje em dia? Algumas pessoas, os pais, já se foram, aí aqueles filhos que estão tomando posse. Aqueles netos que estão tomando posse. Então esses filhos e esses netos que nunca participaram de mutirão não sabem com que foi aquela trajetória, não conhecem direito. Mas isso é o mínimo. Então eles chegam, hoje em dia, já chega sem saber como que foi, então já chega querendo mandar, colocar alguma coisa. Mas tem aquelas pessoas também boas tipo eu assim que: ó, não é assim não, você não tava aqui, né? Nem quando você era criança você não veio ajudar, nem sua mãe, nem seu pai e tal, não é bem assim não. Mas em relacionamento com uns 95% dos moradores lá é... Tanto que eu não gosto de ir lá, minha madrasta mora lá, que ela também veio da associação, antes de ela ser minha madrasta. A gente tinha um convívio de 16 anos, depois de 16 anos que ela se tornou minha madrasta. Minha mãe faleceu e ela e meu pai se casaram. Ela mora no interior com ele e duas vezes no mês eles vêm, ficam lá uns dias no apartamento. Mas o relacionamento com o pessoal de lá é excelente. Eu fui lá ontem, você tem que ver as doninhas, aquelas doninhas que está ali com a gente anos, elas falam: "ah isso aqui não vai ser a mesma coisa porque você não está aqui". Gente, daqui 2 anos, é só o período de eu fazer o tratamento e eu estou de volta. E você tinha que ver o dia da minha mudança, o choro das pessoas. Você sentir que as pessoas te amam. É gratificante mas ao mesmo tempo é uma coisa que parece que você está deixando... Quando elas começam a chorar, principalmente as doninhas, aí fica parecendo que você está deixando um filho pra trás, que você vai deixar de cuidar de um. Mas é muito gostoso isso. O relacionamento, não é só com as doninhas não, com todos, é muito bom. É bom mesmo. Como eu trabalhei um pouco na área da saúde, quando um menino estava doente: "Ô Helenice, meu menino tá passando mal! Helenice isso, aquilo..." Sempre buscavam, recorriam, qualquer coisa era eu.

**Giselle:** E qual você acha que foi o impacto do processo ter sido por autogestão nessas relações que você está me contando? Dessas relações tão próximas de vizinhança, as pessoas se gostarem tanto? Você acha que se fosse gestão pública seria do mesmo jeito? Você acha que autogestão ela propiciou isso?

**Helenice:** Tenho certeza, se fosse gestão pública você acha que eu ia ter esse convívio? Não sei, talvez esse meu jeito de ser, eu sou uma patinha né? Bastou fazer uma carinha que eu já estou abrindo as asas e colocando debaixo das asas. Mas o gestão pública não, porque eu não ia estar sabendo quem eu ia estar recebendo, como era aquela pessoa e tudo mais... O autogestão não. O autogestão você está cuidando desde o movimento de moradia, né? Desde quando chegamos. Aquele associado que quer se complementar naquela associação, você já começa a receber ele. Então o autogestão é o que dá oportunidade mesmo de a gente sensibilizar, ter esse contato com o próximo. Então você pode ter certeza, alguma plenária que tiver, alguma coisa que tiver, falar em autogestão... É duas coisas que eu defendo: o autogestão, falar grupo de sem casa isso aí pode ter certeza que eu levanto a minha mão e falo: "não, nós somos movimento de moradia". E tá aí nessa luta para que realmente a gente pudesse voltar a estar trabalhando com autogestão. Ter essa parceria junto com o governo federal para a gente poder estar buscando. Quando a gente tinha junto com o Governo Federal que era Minha Casa Minha Vida, esse nome era o sonho de todo mundo. Agora que mudou para Casa Verde Amarela, a gente não teve muita coisa assim não, sabe? Mas a gente lutar para isso, buscar isso.

**Giselle:** Está sendo uma aula viu, Helenice? As coisas que você está relatando pra gente.

**Helenice:** Eu que to tendo, vocês vão perguntando e eu gosto de falar.

**Giselle:** O que eu acho legal desse processo que a gente está fazendo é de escutar tantas falas diferentes. Eu já estou nisso há 3 anos e meio, meu doutorado demora 4 anos no total, já estou há 3 anos e meio, escutando as pessoas desde o comecinho. Eu comecei escutando histórias de arquitetos que participaram, que são professores nossos. Mas a cada nova pessoas que a gente conversa é um aprendizado e hoje está sendo realmente uma aula, está sendo muito enriquecedor a sua trajetória, sua história para a contribuição de a gente entender como foi isso. É uma perspectiva nova porque conversando com outras pessoas é outra história, outro ponto de vista e hoje está sendo muito rico mesmo.

**Helenice:** E você sabe que a gente trabalha com o sonho de cada pessoa. Então é esse que é o meu medo. Eu sempre tive esse medo. Quando a gente falava com as pessoas: “olha, é demorado, você está entrando na associação é demorado”. Porque a gente é porta voz da prefeitura, tanto é que em certos momentos a prefeitura ela não coloca a cara a cara. Aí por isso que eles fazem essa reunião com a gente. A gente tem que saber muito bem o que a gente fala e o que a gente ouve. Primeiro o que a gente ouve e depois o que você vai falar. Essa delicadeza de quando a pessoa chega com o sonho de querer a casa dela e você começar a trabalhar. Se você for um dia, que vocês vão ter a oportunidade de ir em uma reunião de associação, você tem vontade de pegar cada pessoa daquela e levar para sua casa. Porque tem umas ali que você vê, gente, é tão carente. O movimento já é carente, mas tem umas que é mais carente ainda. Aí como que a pessoa tem um sonho e você vai fazer de tudo para ajudar a pessoa a realizar aquele sonho? O cuidado que você tem que ter com isso. Eu lembro de uma senhora associada nossa que ela só tinha condição de pagar o aluguel onde quando chovia a enchente subia, ela se chama Dona Maria da Conceição. Então todas as vezes quando começava aquela chuva forte a primeira coisa que eu fazia: ligava para o vizinho dela para saber se ela tinha saído de casa. Porque eu ficava morrendo de medo de isso acontecer, de não dar tempo. Ela morava ela, a filha dela e os netos dela. Aí já tem dois anos, ela foi: “Helenice, eu vim aqui para você assinar para mim porque eu consegui a minha casa.” Eu já tinha perdido o contato com ela mas ela conseguiu o contato e ela falou: a coordenadora que eu quero que assine para mim para eu receber minha casa é a Helenice, porque ela que preocupava comigo quando chovia. Então você tem várias história, de várias pessoas, são tantas histórias de movimento de moradia que você vai vivendo, vai se tornando parente mesmo daquela pessoa. Um dia vocês vão ter essa oportunidade, vocês vão ver na telha o que eu estou falando que a gente sente.

### **[Relações de vizinhança e ações comunitárias]**

**Giselle:** Helenice, você falou desse contato próximo com esses vizinhos e tudo mas a gente sabe também que sempre tem problemas diversos. Tanto problemas sociais mas também questões relacionadas, por exemplo, à própria edificação, ao bairro. Você identifica algum problema ou alguns problemas relacionados ao conjunto, ao bairro, a esse convívio talvez mais difícil com essas pessoas que não participaram muito ativamente...? E quais são esses problemas?

**Helenice:** Não vou dizer que é problema, às vezes é a própria pessoa que um problema que não tinha começa a fazer esse problema. Então, o residencial é registrado como? Residencial Fernão Dias. Aí a pessoa pega e fala assim, tudo diminutivo. A partir do momento que você mora em um

residencial que é de baixa renda tudo é diminutivo. "Ah o pessoal que mora no predinho." "Ah o pessoal que mora no pombal" E a pessoa não tem a dignidade de falar: "eu moro no Residencial Fernão Dias." Isso eu sempre falei com o pessoal. Isso foi uma das coisas que até hoje mesmo... Até os próprios moradores falam: "onde você mora?" "eu moro nos predinhos." Eles não conseguem mudar essa fala que colocaram para eles. Não, se tem uma placa lá de todo tamanho, a gente conquistou aquele residencial, né? É um bairro entre aspas meio nobre, que o pessoal fala. Igual eu te falei a primeira coisa que aconteceu foi o pessoal fazer um abaixo assinado e tirar a gente de um local para jogar a gente para outro.

**Giselle:** Qual que era? Era o do São Gabriel?

**Helenice:** Não, era no Fernão Dias, mas ele era próximo à Estação Minas Shopping, onde a gente tinha adquirido.

**Giselle:** Então foi esse mesmo grupo e o pessoal, os então moradores do bairro, das proximidades, não quiseram que vocês fossem pra lá?

**Helenice:** Não quiseram. Fizeram abaixo assinado e teve isso. Aí a prefeitura falou: não, tem outro loteamento que perdeu por leilão e tudo mais, ele é mais amplo, tem isso e aquilo e tudo mais... E colocaram a gente lá. E a gente aceitou sem discussão, sem nada. Naquela época, acho que estava todo mundo com a euforia de ter sua casa, ter sua casa, ter sua casa, que esqueceu dessa parte aí. O respeito, né? Fazer com que as pessoas tenham respeito com a gente. Só isso. O segundo é esse que as pessoas até hoje chamam o residencial de predinho, quando a pessoa faz umas brincadeiras as pessoas às vezes até participam das brincadeiras... As pessoas falam: "aqui, você mora lá no pombal?" "É, eu moro lá no pombal e tal." Não, eu não moro no pombal, eu moro no meu apartamento igual você mora na sua casa, não precisa de brigar, precisa de fazer respeitar. O terceiro eu acho que essas pessoas que nunca trabalhou de mutirão, nunca participou e já chegou se achando, que pode ser desse jeito, não aceita as regras que tem de morar no condomínio. As leis de condomínio, os barulhos que a gente tem que respeitar. Não estou falando de mim, estou falando por exemplo uma pessoa que toma medicação controlada, aí ela precisa de ter uma noite de sono, aí às vezes o barulho incomoda, né? As festinhas que às vezes as pessoas promovem ali sem saber que aquela festinha tem que terminar às 22 horas. Não, aquela festinha vai terminar de madrugada... Aí se a pessoa vai procurar falar com ela qualquer coisa tem ali uma inimizade que começa. Tem isso. O único problema que eu tive foi com uma vizinha que fez autogestão com a gente, mas foi mais eu acho por causa que ela estava nervosa e aconteceu. Eu tenho muitas plantas, tanto que quando eu mudei um caminhão teve que ser de plantas, de tantas plantas que eu tinha. Aí uma dessas plantas, acho escorreu água, ela gritou "tá molhando a minha casa", aí eu falei com ela que me desculpasse, que eu ia secar e tudo mais. Eu falei com ela: "você poderia ter tocado a minha campanha". Não precisava de ter exposto para todo mundo escutar. Eu falei com ela depois. Só falei que ia secar, depois procurei ela e falei: "você não precisava de me expor por isso que aconteceu". Mas foi assim. Não tivemos brigas, não tivemos inimizade, nem nada, mas fica aquela coisa "nossa, a minha vizinha agora está chata", né? Mas foi só isso. O mais mesmo é essa coisa primeira que eu coloco, as pessoas fazer se respeitar pelo residencial que você viu que é um residencial localizado em um lugar muito bom, os apartamentos são excelentes, as pessoas são excelentes e se deixar passar por isso...

**Giselle:** Além desses problemas você sente, por exemplo, insegurança no conjunto? Algum tipo de medo lá dentro?

**Helenice:** Antes não, mas agora... Assim, como eu morava lá no fundão e nem tudo que a gente ouve a gente tem que acreditar. Mas algumas pessoas falam que agora está diferente, por causa da droga que a gente sabe que todo residencial tem e tal. Mas nunca vi coisas que fossem mais sérias. Tem aqueles boatos mas nem tudo pode levar, porque às vezes não é daquele jeito que as pessoas passam pra gente, sempre aumentam um pouco.

**Giselle:** E hoje em dia quem que faz a organização do residencial? Existe um síndico? A associação ainda está presente? Como funciona para tomar decisões? Como vocês se organizam? Tem alguém que centraliza, é tudo votado?

**Helenice:** Antes tinha um grupo realmente que era de síndico e tal e estava funcionando. Uma das coisas que, além da minha saúde, que me fez sair de lá, foi por causa disso. Porque eu fui procurar quem estava administrando. Meu carro aparecia sempre arranhado, onde tem criança, sempre aparece arranhado, tudo bem. Quando foi da última vez entraram e bateram no meu carro, arrebentaram a porta do meu carro. Eu achava, como eu fiquei uns dois anos em um período que eu tive que me afastar, então tive que sair do cargo com outros também. Agora lá tem representante e uma pessoa que é responsável até resolver a situação. Até agora dizem que o residencial não tem mais um administrador que possa estar levando. Essa senhora que eu achava que era síndica, ela falou que simplesmente emprestou o nome dela para estar tirando o CNPJ e algumas documentações que precisava. Mas até o momento ainda estão se formando. Aí quando ela me procurou ela falou: "ué Helenice, infelizmente a gente não pode fazer nada." Não era a primeira vez, já era a terceira vez. Não é só o meu carro não, outros carros que acontece lá. Mas como dessa vez o estrago foi muito grave aí ela me procurou e falou assim: "mas infelizmente a gente não pode fazer nada". Por que? As câmeras não estavam ativadas. Segundo, aquilo ali não é estacionamento, aquilo ali é um pátio. Mas a gente sempre, desde quando a gente mora lá, a gente tem aquilo como um estacionamento. Aí ela falou: "se você for entrar com uma ação contra o residencial, você já vai perder. Primeiro que as pessoas não vão ter condição de pagar e segundo quando a gente entrar e mostrar pra eles que a planta de lá está como pátio, não tem como". A primeira foi um cara que surtou e amassou meu carro, a segunda foram as crianças com um outro lá que arranhou meu carro todo, agora a terceira foi alguém que bate na porta do seu carro, amassa tudo e ninguém vê nada e não escuta nada então... Já estava com problema sério mesmo de saúde de subir escada que eu não estava dando conta, aí aconteceu esse problema que me deixou muito triste também... Agora se fosse na outra gestão, outras pessoas que estivessem, igual eu falei com você o Herval e tudo mais eles falavam: "Não, a gente vai providenciar isso.". Lá precisa de muita coisa ainda, a gente precisa de fazer aquela marcação, se é pátio, se é estacionamento então vamos buscar na prefeitura qual que vai ser o melhor. Isso que eu falo com eles. Vamos buscar o que pode ser melhor. É pátio? Então vamos deixar o pátio livre e vamos procurar que a prefeitura... Tem uma área atrás que a prefeitura [inaudível] Então vamos fazer estacionamento lá. Ah, não, aqui vai ser estacionamento e deixar lá para fazer o play para as crianças. Então vamos fazer o play das crianças lá. É buscar. A gente tem a oportunidade, mas as pessoas que estão agora existe muito "eu". É eu que faço isso, não existe o "nós". Esse que é o problema, não trabalhar o "nós". O "nós" trabalha é com união e o "eu" é só eu.



Eu que faço isso, eu que mando, eu que assumo, eu que faço. Esse que é o problema lá. É o que está tendo lá agora na minha visão é isso.

**Giselle:** Me explica, depois que vocês já estavam com a associação formada, teve muita troca das famílias? Elas foram substituídas? Você falou que antes existia bastante modificação porque as pessoas cansavam, o tempo passava, eram muitos anos... Mas depois que vocês já estavam lá com o terreno conquistado e as obras iam começar, ou já estavam começadas, as famílias foram muito modificadas?

**Helenice:** Algumas sim. Só de trabalhar no mutirão. Imagina você trabalhar no mutirão e você não tem mais dia das mães, dia dos pais, feriado. A única data que você tem é só o natal e assim mesmo você comemora junto com eles lá e depois você pode ir pra sua casa comemorar. Com sua nova família. Então, muita gente falava: "Que? Eu já trabalho de segunda a sexta, ou segunda a sábado, e quando chega no final de semana e feriado eu tenho que vir trabalhar aqui?" Aí muita gente achava que era muito, né? Aí já começava aquela falha, começava a faltar. Antes se você tivesse 3 faltas sem justificativa, aí você já saía e aquele que estava como suplente que encaixava. Então teve várias pessoas que perderam o apartamento assim.

**Giselle:** E essa regra foi a associação que fez? Quem fez?

**Helenice:** Foi feita pela associação junto com a prefeitura. Igual o Fernão Dias, quando foi o pessoal sabia. Mas mesmo assim eles não davam chance pra [inaudível] de terceira vez não. Deixava rolar, rolar, fingindo que já tinha passado mais de três vezes. Aí quando chamavam a pessoa: "ah, eu mudei pro interior, então já não estou interessada mais..." Foi assim, mais ou menos.

**Giselle:** E as novas famílias? Quem eram as novas famílias que substituíam essas que largavam no meio do caminho?

**Helenice:** Olha algumas mais ou menos a gente sabe. Tem uma senhora que ela pedia para o marido dela vir trabalhar para ela. Ela pagava o marido dela para trabalhar para ela. Hoje em dia essa senhora que é minha madrastra, ela veio da associação Harmonia e Esperança, para a moradia do Fernão Dias, mas ela veio depois de 1 ano e 6 meses que ela veio de mutirão. Aí depois de 3 anos que ela conseguiu a casa dela. Por que? Uma senhora pagava o marido dela para trabalhar para ela, era o nome dela que estava lá e tal. Ao invés de ir para o mutirão ele não ia. Ele nem chegava lá e assinava, porque a gente tinha uma lista de presença que assinava quando chegava. E tinha uma lista de presença também que fazia no final, porque às vezes a pessoa chegou e não deu para. Aí no final eles liam aquela lista que já tinham assinado. E esse homem não ia. Aí quando foi um dia que procurou ela, que já tinha passado muito tempo, para saber o que estava acontecendo. Aí ela falou: "gente, estou pagando ele". Mas aí ela já tinha perdido, que a prefeitura mesmo já tinha o encaminhamento dessa, que é minha madrastra, foi a própria prefeitura que fez, automaticamente. Então a gente sabe de vários casos de pessoas que iam para lá mas depois saía e não assinava a lista de presença, não queria.

**Giselle:** Eram pessoas então já vinculadas ao núcleo de moradia, né?

**Helenice:** É. Porque eu acho que quando teve a votação que a gente votou por autogestão, foi uma das coisas que a assessoria falava com a gente. "Gente, vocês vão ter uma integração social, vocês vão conhecer um ao outro, isso é importante." Então isso fica na cabeça da gente. Agora as outras pessoas que talvez não estavam nem interessadas nessa integração, pode ser isso aí, desistiram.

**Giselle:** Isso aí eu não sabia. Então vocês votaram para ser autogestão?

**Helenice:** É. Que a gente poderia escolher. Aí a gente achou melhor ter esse autogestão.

**Giselle:** A assessoria já existia nesse momento que você falou, né? E foi a assessoria que apontou os aspectos positivos, por exemplo, da autogestão?

**Helenice:** É. Porque estava lá a prefeitura, com os engenheiros que ia estar entregando tudo pronto. Aí era mamão com açúcar, você não quer saber, você quer saber dos seus feriados, das suas datas festivas e tudo mais. Aí tinha outro lado que falava, que a assessoria que ia estar junto com a gente, eles falavam: "Gente, mas a mais importante de tudo é essa integração, você saber quem que tá sendo seu vizinho, com quem você vai estar morando". Então isso pra mim foi fundamental.

**Giselle:** E foi a maioria que votou mesmo por autogestão?

**Helenice:** Foi. E em todos os outros residenciais também. Como o Fernão Dias foi um dos primeiros. Aí depois os outros todos foram caminhando desse jeito também, autogestão.

**Josiany:** Então teve um dia de reunião que a prefeitura expôs para vocês as opções? Vocês podem ter a gestão pública...

**Helenice:** É. Quando você já tem o terreno que você conquistou. No Orçamento Participativo, o terreno vai ser tal. Eles mandam pra gente qual vai ser o terreno. Aí eles já passavam para a gente, olha: vocês vão querer a construção que ela seja em qual? Aí a gente escolhia, autogestão ou gestão pública. Sempre foi colocado as duas, o que que ia ser beneficiado com os dois tipos de programas.

**Giselle:** E o mutirão apareceu como uma questão obrigatória ou foi uma questão que vocês decidiram que teria mutirão?

**Helenice:** Foram nós que escolhemos ter mutirão. Mutirão em todos os sentidos. Mutirão de juntar todo mundo para economizar os pregos que durante a semana as empreiteiras deixava jogada, a gente tinha as formiguinhas que tinham que juntas esses pregos. Tinham as outras formiguinhas que tinham que colocar os tijolos para facilitar. Isso foi um trabalho incrível.

### **[Fase de projeto]**

**Giselle:** Depois vou querer saber um pouco mais dessa questão da organização do mutirão. Mas antes vou te perguntar do projeto. Então tinha essa assessoria técnica, você lembra quem era?

**Helenice:** Era Vera e Gutemberg. ASP.

**Giselle:** E foram vocês que votaram neles ou a prefeitura já chegou com essa assessoria?

**Helenice:** A prefeitura chegou com três assessorias. Aí cada um teve seu momento de mostrar para a gente o seu trabalho e tudo mais e aí a gente escolheu a ASP.

**Giselle:** E porque vocês escolheram ela? Você lembra assim? A diferença.

**Helenice:** Engraçado que ela nem foi por indicação que alguém falou com a gente assim “escolhe a ASP”. Acho que foi mais pela simpatia, pelo trabalho que eles estavam mostrando, sabe? Foi por aí...

**Giselle:** E nesse momento eles já tinham experiência em autogestão em Belo Horizonte ou não?

**Helenice:** Já. Eles estavam começando. Eles tinham feito não sei onde... Tinha uma cidade que eles tinham feito esse projeto lá. Não tinha colocado totalmente ela em prática mas já tinha esse projeto junto com o prefeito.

**Giselle:** Mas o Fernão Dias deve ter sido um dos primeiros dentro da autogestão, né? De BH.

**Helenice:** Foi.

**Giselle:** Ótimo. Então esse pessoal da ASP, eles que fizeram o projeto do edifício, da arquitetura, não foi? E vocês puderam opinar? Como foi isso? Eles chegaram com o projeto pronto? Tiveram discussões?

**Helenice:** Tiveram discussões. Tivemos problemas, não vamos falar que foi só um mar de rosas não. Teve problema de caixa 2, caixa 3... Sempre teve umas coisinhas assim. Mas a nível de mostrar para a gente, começar, mostrar como que ia ficar o projeto todo, como que iam ficar os apartamentos, o residencial como ia ser feito. Tanto é que esse pátio onde funcionava a cozinha, que a gente tinha a cozinha comunitária que seria almoço pro pessoal.

**Giselle:** Nos mutirões.

**Helenice:** Aí eles: “gente, isso aqui vocês podem deixar, porque isso aqui pro futuro vocês vão poder fazer festas aqui nesse pátio e tudo mais.” Pena que a gente depois achou melhor fazer o estacionamento, né? Talvez se a gente tivesse deixado lá a cantina, tivesse deixado esse pátio lá, a gente não ia ter tanto problema.

**Giselle:** E nesse caso, por exemplo, o número de moradias, vocês já sabiam que ia ser esse número de moradias ou foi durante o projeto que vocês descobriram que poderiam ser menos ou mais moradias? E o fato de ser apartamento.

**Helenice:** A gente já sabia que seria esse número. Inclusive a partir do momento que a prefeitura já estava com as famílias indicadas para lá tinha que ser aquele número correto, certinho.

**Giselle:** Então vocês já sabiam que seria prédio de apartamento?

**Helenice:** A gente já sabia que lá teria que ser apartamento mesmo. Na verdade, se a gente fizesse aquelas casas geminadas não ia encaixar 142 famílias, né? E assim não, assim deu pra encaixar todo mundo e deu espaço.

**Giselle:** E vocês chegaram a interferir em alguma coisa que a ASP apresentou para vocês de projeto? Eles mostraram, por exemplo, como seriam os apartamentos. Vocês chegaram a questionar alguma coisa? Pedir para modificar... Teve algum momento desse tipo? Você falou que eles apresentavam sempre, mas no sentido de receber, por exemplo, alguma crítica por parte dos moradores e eles adequarem? Existiu esse momento?

**Helenice:** Algumas leves mudanças de algumas coisas... Ah isso aqui a gente pode mudar pra isso e tal. Aí eles falavam: é, a gente pode ver esse recurso e tudo mais. Sempre aceitaram essas opiniões. Mas foram poucas mudanças porque a gente estava tão encantado com o projeto que muita coisa a gente não mudou não.

**Giselle:** E eles chegaram com esse projeto... Teve uma escuta do que vocês queriam antes?

**Helenice:** Teve. Até como poderiam fazer os três quartos dos apartamentos. Até essa discussão de como ia ficar a coluna, como que ia ser, até isso... A gente pensa que é pequenas coisas mas até pra esse tipo de colocar como que ia ficar, que não ia atrapalhar, os armários embutidos como que deveria ser feito, isso tudo foi passado.

**Giselle:** E eles chegaram a apresentar alguma coisa tipo maquete? Ou era sempre planta, o projeto mais técnico?

**Helenice:** A gente tinha a maquete. Ela ficou linda essa maquete. Depois a gente tirou foto dela. Igual eu tava falando com você que a gente tem o movimento lá do CASA que a gente faz nossas Ação de Graça, então cada hora é um projeto. Então a gente tem o projeto dos tijolinhos que a gente quis fazer do residencial Fernão Dias alguns, o projeto do tijolinho. Não sei se eu tenho um aqui que eu guardo de recordação, pra eu mostrar pra vocês como que foram os tijolinhos que a gente fez a maquete dos outros residenciais que vieram, sabe?

[ela sai para procurar um tijolo para mostrar]

**Giselle:** Depois você manda foto pra gente.

**Helenice:** Vou mandar foto pra vocês, do mutirão... Desde o começo até o final.

**Giselle:** É, a gente não te explicou mas a gente, além dessas pesquisas que estão sendo tocadas a partir desse tema amplo que é a autogestão, a gente conseguiu um recurso financeiro para produzir os livros da autogestão. Aí nossa ideia é produzir um livro do Fernão Dias e de alguma maneira retornar isso pra vocês, porque a intenção dessa pesquisa, do doutorado, é que essas vozes e essas memórias sejam um motor para outras conquistas coletivas, para outros movimentos sociais, ou pra

esses movimentos que já existem ou para próximos movimentos se inspirarem nessas conquistas que vocês tiveram na autogestão. Aí o Fernão Dias é um deles.

**Helenice:** Fico feliz com isso, viu?

**Giselle:** A gente também fica feliz de poder contribuir de alguma maneira. E a intenção, inclusive, no final eu vou te perguntar se conhece alguém que pode indicar pra gente ir lá e tirar algumas fotos, porque a intenção é fazer realmente um livro com fotos antigas e fotos atuais pra gente entender ao longo desses 20 anos como foram as modificações, como as pessoas ainda estão.... Se elas estão lá ainda, se estão bem nesses conjuntos... Um retrato mesmo da história. Então, Fernão Dias é um dos conjuntos que a gente vai fazer livro. O Villarégia, o Santa Rosa e o RSV. Então são esses conjuntos.

**Helenice:** Serrano vocês não fizeram não?

**Giselle:** Pois é, o Serrano era um dos conjuntos. Só que a gente está com muita dificuldade de encontrar com a Cleusa.

**Helenice:** Eu tenho contato com ela, ela me manda mensagem duas vezes na semana. A gente é amiga há muito tempo, ela trabalhou no CASA muitos anos, a gente tem um carinho especial muito grande com ela. Como a gente já tem esse convívio há mais de 20 e tantos anos, então a Cleusa é um doce de pessoa. Uma ótima coordenadora, uma ótima síndica de lá... De referência ali do Serrano é Cleusa, a mãe de todos.

**Giselle:** A gente já teve, inclusive no Fernão Dias, a gente já foi. A gente fez uma atividade que chamou "Rolezinho da Autogestão", a gente saiu...

**Helenice:** Eu lembro.

**Giselle:** Você estava lá né? Então, a gente fol no Serrano. Mas eu já tinha ido no Serrano outras vezes e conversei com a Cleusa só que agora para fazer as fotos e tentar transformar em livro a gente está com dificuldade de ir lá no conjunto por que a Cleusa não para em casa.

**Helenice:** É porque agora ela está em outro tipo de trabalho.

**Giselle:** Pois é. Aí a gente está com dificuldade de voltar no conjunto. Mas de toda forma a ideia de que, se possível, se a gente conseguir recurso financeiro, que tenha um livro para cada conjunto da autogestão, são 18. Mas vamos começar por esses e a gente achou legal também porque são casos muito diferentes, né? O Villarégia é um dos primeiros e é um conjunto menorzinho, é de casas. O Mar Vermelho, assim como o Santa Rosa, já são dessa segunda geração, e são conjuntos maiores... O Fernão Dias, assim como o Serrano, eles tem projetos parecidos e eles são prédios mas da primeira geração. Então a gente está pegando um misto de cada, desses projetos. Mas a intenção é essa. Então a gente vai querer essas fotos e depois também se você tiver contato, igual você mencionou o Herval e outras pessoas que, mesmo que não morem lá, mas que possam contar essa história pra gente, eu vou querer esses contatos.

**Helenice:** A Maria da Luz eu tenho o contato dela, vou ver com ela, né? O Herval eu vou ver com ela sobre o Herval, se ela passa o contato pra vocês, porque ela é mais próxima dele. E vou ver com quem mais lá que possa. Tinha a tia Dulce mas infelizmente, ano retrasado, a gente perdeu ela. Que era a nossa poeta. Não sei se vocês chegaram a conhecer ela.

**Giselle:** Eu vi os poemas dela.

**Helenice:** Nossa, linda demais. Amiga mesmo, nossa, ela era uma pessoa incrível. A gente ve, o que eu puder ajudar você, eu vou tendo contato com o pessoal, a gente tem um nível de amizade muito boa lá, aí eu ajudo vocês.

[conversa sobre quem vai entrar em contato e andamento da pesquisa]

**Giselle:** A ideia é isso, de não ficar uma pesquisa concentrada só na gente, é de expandir o conhecimento, de que as pessoas realmente conheçam esse processo. A gente considera que é um processo que é muito diferente, por isso mesmo ele teve problemas obviamente, como tem na gestão pública, mas ele é muito mais rico. É uma premissa nossa entender que a autogestão é muito mais rica e passível de possibilidades, do que numa produção em que a construtora entrega tudo e que a prefeitura não dá muito espaço pro diálogo. Aí assumindo essa premissa a gente está entendendo que a produção em autogestão precisa ser divulgada, que as pessoas precisam conhecer essa história. É a partir disso que a gente está se movendo.

**Helenice:** E vocês sabem que vocês têm comigo total apoio, se precisar mesmo, porque eu quero que realmente continue o autogestão. Ano que vem é um ano que a gente tem que ter expectativa mesmo para tudo realizar. Vocês podem contar.

**Giselle:** Eu vou te fazer mais algumas perguntas, mas se você estiver muito cansada você me avisa, a gente pode interromper, faz outro dia mais uma sessão, o que for melhor pra você. Não quero te deixar cansada demais. O terreno foi doado pela prefeitura, foi isso?

**Helenice:** Foi conquistado do Orçamento Participativo, então a prefeitura passou ele pra gente. Ele foi financiado também junto, né?

**Giselle:** Ah, ele fez parte então também do financiamento lá. Dos 18 anos. Certo. Outra coisa que eu queria entender, a gente passou um pouco sobre o projeto, se vocês tivessem a oportunidade de ter feito o projeto de outra maneira, tem alguma coisa que você modificaria? Antes de a obra estar pronta? Ah, você falou dos três quartos, que vocês discutiram lá com o pessoal da ASP e tudo. Teria alguma coisa que você teria modificado nesse projeto?

**Helenice:** A única coisa que a gente se sentiu prejudicado mesmo foi no estacionamento que a gente, na época, a gente pensava no apartamento e nunca pensava que a gente ia conseguir um carro, né? Ah, só quero minha casa. Mas a gente não pensava que a gente, na luta do dia a dia, ia conseguir conquistar um carro. Então a gente não pensou nisso. Mas uma modificação que seria

isso. Fazer um projeto, porque dentro desse projeto não foi colocado igual essa senhora falou comigo. A gente foi ver agora que aquele estacionamento que está lá, aquilo ali não é um estacionamento.

**Giselle:** Mas em relação ao apartamento não?

**Helenice:** Não, o apartamento tá ótimo. Pelo número de pessoas, dois filhos, uma filha, marido e tal, pra mim tava ótimo.

**Giselle:** Então você me contou que vocês definiram que teria mutirão, né? E que esses mutirões seriam todos os finais de semana, com exceção de alguns poucos feriados. Me conta como era a dinâmica dos mutirões. Você chegou a trabalhar no mutirão mesmo sendo... Você falou que compunha lá a parte de fiscalização da obra e tudo, da própria associação, você também trabalhou nos mutirões?

### **[Fase de obra]**

**Helenice:** Trabalhei no mutirão. A escola lá próxima ao mutirão cedia algumas salas para a gente ficar com as crianças, né? Porque os pais tinham que levar as crianças, onde que iam deixar as crianças para eles poderem trabalhar no final de semana e feriado? Aí eu trabalhei nesse projeto para as crianças de lá. Hoje em dia já não são crianças, já são homens, casados e tudo mais. Trabalhei também na cantina, aí todo final de semana e feriado a gente tinha que ver qual era o cardápio e o que a gente tinha que conseguir com doações para poder levar pra complementar esse alimento para as pessoas. Trabalhei no mutirão também nas plantas que foram colocadas, nas gramas e tudo mais. Trabalhei também em colher as coisas que ficavam desperdiçadas, pregos e materiais que ficavam lá. Então tudo que tinha do mutirão que dava pra fazer, eu trabalhei... Mas a responsabilidade minha mesmo era ficar com as crianças, porque tinha que montar projeto porque era criança de vários níveis de idade então a gente tinha que trabalhar e tinham os monitores que ajudavam também então tinha que ter essa dinâmica com eles pra as crianças não ficarem cansadas, não quererem a mãe que estava lá no mutirão e tal...

**Giselle:** E tinham mais mulheres do que homens?

**Helenice:** Muito mais, sempre, sempre... Desculpa, Tiago, mas sempre.

**Tiago:** É típico dos mutirões isso.

**Giselle:** Porque, Helenice, que tem mais mulheres?

**Helenice:** Meu marido não participou de mutirão. Aí a gente ficou lá um ano e oito meses de serviço, quase dois anos fazendo serviço de mutirão. E ele desacreditava, ele nunca foi de acreditar. Ele falava assim: "ah esse negócio de mutirão, esse trem vai sair um dia?" Aí quando foi um dia a família dele que era de São Paulo veio e falou assim: "Ué, mas você ainda não foi conhecer onde você vai morar?" Aí ele falou: "não, Helenice vai." Eu só tinha dois filhos na época, né? Ainda levava as duas crianças comigo. Aí a mãe dele falou: "não, mas a gente quer ver." Aí quando ele chegou lá

que ele viu que já tava tudo levantado, aí ele falou “gente eu não sabia que estava assim adiantado não”. Aí quando a gente pegou a chave, que a chave também foi pelo sorteio, aí ele falou: “olha, eu desacreditei, não confiava. Agora para frente, não. Se você não tivesse aqui eu acho que a gente não ia conseguir. Então agora eu que vou terminar de fazer o resto.” Aí foi onde que ele colocou o apartamento do jeito que a gente queria, entendeu?

**Giselle:** E você acha que porque que tem mais mulheres, normalmente, no movimento de moradia, nos mutirões, por qual motivo? As mulheres acreditam mais?

**Helenice:** As mulheres buscam mais, eu acho que elas buscam mais. No movimento de moradia, na reunião da associação, você vê mais ou menos 4 homens, 60 são mulheres. No mutirão, você vê alguns homens, vamos supor, você vê 20 homens, 80 são mulheres. Eu acho que nós mulheres vamos mais a frente. Tanto que até mesmo quando a gente sai em caminhada, passeata, pra poder mostrar, pra poder pedir, mostrar o que a gente precisa, o que a gente está buscando, mais é mulheres.

**Giselle:** Em relação a obra, tirando o mutirão, como era organizado, por exemplo, compra de material? A gerência das contratações. Porque tinha o mutirão no final de semana, feriado, durante a semana existia construtora?

**Helenice:** Durante a semana tinha as empreiteiras que faziam o serviço e tudo mais. No período quando a gente ia para fazer o trabalho, no feriado e final de semana, a gente tinha os horários que a gente tirava para a reunião. Aí precisa de comprar tal material... As empreiteiras pegaram por cada bloco, aí aquela empreiteira precisava de não sei quantos sacos de cimento para poder ser liberado porque já tinha terminado o dela, aí a gente tinha que assinar e como eu era fiscal tinha que estar ali presente para conferir tudo aquilo que estava pedindo. Faltou madeiras, aí a gente tinha que conferir junto com a ASP que mostrava também, sempre assessorou a gente, que realmente estava faltando, aí a gente tinha que liberar. Realmente a associação fazia a liberação da verba, dos materiais que precisava.

**Giselle:** Então era a diretoria, a coordenação da associação que fazia esses repasses, né? Olha precisa comprar isso e aí pediam determinadas coisas, mas era esse grupo menor, né?

**Helenice:** A prefeitura que repassava mesmo.

**Giselle:** E dentro da ASP tinha arquiteto, tinha engenheiro acompanhando vocês?

**Helenice:** Tinha.

**Giselle:** Você lembra o nome deles?

**Helenice:** Um é Humberto. Sobrenome agora não veio.

**Giselle:** Ele era engenheiro civil?



**Helenice:** Ele era engenheiro. E também a URBEL estava sempre junto, junto com a ASP, junto com a gente. Sempre a gente estava tendo reunião lá na URBEL junto com eles. O Aderbal, não sei se você teve a oportunidade de conhecer o Aderbal lá na URBEL.

**Giselle:** Eu já ouvi falar.

**Helenice:** Aderbal sempre estava ali junto com a gente. Na época também era o Claudius (?) que hoje ele está também na URBEL, que ele voltou, também sempre estava ali com a gente.

**Giselle:** E como era essa parceria com a prefeitura? Você achava que a prefeitura estava muito disposta, pouco disposta, como que era? Você está falando que eles estavam sempre juntos mas o diálogo era mais fácil, era mais difícil? No dia a dia da obra, dessa organização, do dinheiro... Como funcionava?

**Helenice:** Eu achava, até mesmo para a prefeitura que foi mais voltada... Antes tudo era gestão pública, né? A prefeitura já entregava pronto. Então para a prefeitura estar com aquele movimento, estar com aquele outro projeto que era a autogestão, ela tinha que estar ali em cima também. Era uma coisa nova para ela também. Ali eles estavam caminhando junto com a gente e tudo mais. Mesmo que teve algumas falhas, a gente sabe que é Brasil e tudo isso acontece em tudo quanto é lugar. Mas a prefeitura sempre esteve junto com a gente, nunca abandonou não. Porque o Fernão Dias foi do autogestão, aí depois teve o Juliana, não sei se você conheceu o Conjunto Juliana. A Associação Harmonia e Esperança tem várias famílias, tem 15 famílias que saiu da associação e está lá no Juliana. Então o Juliana quando viu o Fernão Dias do jeito que foi construído e tudo mais, as famílias já não tinham dificuldade, porque tinha a gente ali de exemplo.

**Giselle:** Então esse contato próximo com a prefeitura você acha que facilitou o processo? Ou você acha que de alguma maneira tornou mais fácil para a associação a prefeitura estar próxima de vocês?

**Helenice:** Sim, tanto é que você vê que a prefeitura, hoje em dia, tem essa dificuldade. Porque agora, como a gente não está na ativa com nenhum residencial, depois foi construído com autogestão, teve essa dificuldade. Porque depois teve o programa do PAR, depois veio outros programas que foi filiado com a prefeitura e a prefeitura está com um deficit enorme de famílias que ela ainda tem que entregar de moradia. Na nossa Associação mesmo tem um número muito grande, que ela não consegue. Onde que a gente fica tentando fazer essa conquista de novo de Orçamento Participativo para conseguir e entrar com o autogestão.

**Giselle:** E Helenice, em relação a essas obras durante a semana, você falou que tinham as empreiteiras. E essas empreiteiras elas chegaram a contratar alguém que era das famílias?

**Helenice:** Sim. Contratavam. Davam a oportunidade para aquelas famílias que tinha alguém que estava desempregado e tal para poder trabalhar. Até mesmo a nível de carteira assinada.

**Giselle:** Bacana, essa era uma questão que a gente também estava na dúvida se tinha acontecido no Fernão Dias. Porque no Villarégia, por exemplo, aconteceu isso. No Uruçuia aconteceu também...

Existiu algum tipo de atraso de repasse por parte da prefeitura, de dinheiro? Ou, por exemplo, teve paralisação da obra por causa de atraso ou falta de repasse?

**Helenice:** Chegou a ter ameaças. Tipo assim “ah a gente não vai conseguir verba pro próximo mês, que a prefeitura não conseguiu e tal”. Mas depois a prefeitura conseguiu sim. A gente ficou até com medo, “ih vai parar a obra, quanto tempo a gente vai ficar parado? agora que a gente estava a todo vapor, né? e tal” Mas não, aí não chegou a atrapalhar nem atrasar não.

**Giselle:** Entendi, chegaram só a mencionar mas nunca aconteceu.

**Helenice:** É mas aí correu atrás de recurso, porque estava vendo que realmente o projeto do autogestão estava dando certo e que as famílias estavam naquela segurança toda, aí buscaram.

**Giselle:** E você me falou que no seu caso você participou bastante desse cuidado com as crianças, chegou a trabalhar um pouco lá na cozinha comunitária, mas também trabalhava nos serviços gerais de organização do canteiro. Como era distribuída essas tarefas? Todo mutirão mudava? Alguém decidia isso antes? Como funcionava?

**Helenice:** A gente tinha reunião antes. Duas horas antes da reunião a gente chamava para a reunião do que ia acontecer nas próximas semanas. Aí na cozinha eles falavam: “olha o almoço vai ser purê de batata, frango e arroz e feijão”. Aí tinha uma senhora, que hoje em dia também não está mais com a gente, aí ela falava: “então tá, responsabilidade de ver quem consegue as doações: Helenice e Madalena.”. Aí a gente ia correr atrás das doações. No projeto das crianças a gente conseguia ter os materiais para estar junto com as crianças e junto com as monitoras. A gente tinha um trabalho que antes de começar a gente trabalhava com eles como ia ser passado. E esses serviços gerais lá é quando faltava: “gente, faltou alguém, pergunta a Helenice lá se ela pode ficar ausente por 1 ou 2 horas só pra dar uma força aqui pra gente.”

**Giselle:** E mulheres chegaram a participar das obras durante a semana? Você sabe se alguma mulher foi contratada pelas empreiteiras?

**Helenice:** Eu não me lembro, de mulheres não.

**Giselle:** Então as mulheres ficavam mais nos mutirões mesmo, né? Na obra, de subir paredes, de trabalhar com outras partes da obra, elas não chegavam?

**Helenice:** A única mulher que eu sei que trabalhou assim, mas é porque o marido dela foi um que foi contratado na empreiteira, né? Foi uma das empreiteiras que trabalhou lá. Aí essa mulher trabalhava junto com o marido dela. Mas essa empreiteira foi a que deu problema. Mas foi só isso.

**Giselle:** Esse negócio que você falou, não sei se você vai querer falar, isso de caixa 2. Por parte das empreiteiras, por parte da assessoria, por parte da prefeitura, de onde que é esse problema?

**Helenice:** Na verdade, quando estourou a gente não sabia de quem era a culpa. Mas parte foi culpa da assessoria, na verdade, eles até falaram o seguinte: a assessoria estava sabendo que estava

rolando alguma coisa, se ela estava ali ela tinha que estar, né? E a empreiteira foi um dos casos que aconteceu. Aí a gente descobriu que material que a gente assinava pra poder comprar de primeira... A gente assinava mas a gente não estava ali pra fiscalizar. Durante a semana, por exemplo, eu não ia lá pra fiscalizar. Também nem conhecia material. Aí foi onde que a obra ficou com alguns materiais que foram calculados de um nível e colocaram de outro tipo de nível.

**Giselle:** E a prefeitura chegou a saber disso?

**Helenice:** Aí a prefeitura foi e falou que ia dar uma parada na obra, ia embargar um pouco a obra até fiscalizar tudo isso. Mas como achou o culpado e na hora lá a pessoa assumiu a responsabilidade, junto com outros, a assessoria foi e falou que ela começou a ver que estava mas ainda bem que foi no início. Então deu pra resolver.

### [Pós-Ocupação]

**Giselle:** Já estou no final, prometo. Depois da obra, já concluída, vocês estavam lá com os apartamentos, estavam com suas chaves, vocês tiveram algum acompanhamento seja da prefeitura, da ASP, por parte de arquiteto, engenheiro, assistente social? Ou não?

**Helenice:** Depois que cada um pegou sua chave e tudo mais aí ficou. Aí a prefeitura só era responsável, qualquer problema que acontecia o pessoal ia na prefeitura pra poder levar. Mas mais ou menos uns 3, uns 4... Deu um problema no residencial. Aí o pessoal lá da engenharia foi lá no residencial para poder ver o que estava acontecendo. Sobre esse estacionamento mesmo, eles fizeram um projeto lá para poder estar passando para ver o que os moradores achavam, o que a prefeitura poderia ainda fazer. Mas aí algumas pessoas acharam que já não era mais da alçada da prefeitura, que a prefeitura já tinha passado o tempo dela, que o que tinha que ser feito tinha que ser feito antes, e não era isso... Mas até certo tempo a prefeitura ainda dava essa assistência. Hoje em dia não, mas até certo tempo ela estava dando assistência sim. Não que a gente pegasse o apartamento da gente e qualquer problema... Não. Mas, depois eles foram ver que eles deveriam ter acompanhado mais depois que entregou.

**Giselle:** E a ASP não? Entregou a chave e vocês perderam o contato com eles?

**Helenice:** Perdemos o contato, isso mesmo. A ASP depois que a gente, realmente, teve a inauguração, as festas e tudo mais... Perdeu-se o contato, perdeu tudo.

**Giselle:** Entendi. E você sabe, mais ou menos, quantos por cento das famílias que fizeram parte desse processo da autogestão original, desde o movimento e depois nos mutirões, que hoje ainda estão lá, mais ou menos quantos por cento? Não precisa ser exatamente.

**Helenice:** Continua ainda 80% das famílias lá.

**Giselle:** Então é um número grande, né?

**Helenice:** É um número grande. Eles continuam, assim. Aquelas pessoas que não estão mais com a gente, que os filhos tomaram conta e tudo mais, eles se calaram. Antigamente a gente tinha essa força. Outro dia mesmo eu fui e falei que o que faz é a gente se unir, se está tendo um problema vamos chamar uma reunião, porque quem é responsável pelo residencial são as famílias, né? Então vamos chamar essas famílias pra uma reunião geral, falar do problema que está acontecendo, que essas famílias decidem. Não que as pessoas que estão lá que, entre aspas, não estão administrando, que "ah, a gente vai passar pra vocês.". Aí passa lá um comunicado: "aconteceu isso e isso ou vai acontecer isso e isso.". Não é assim. Passa uma circular pra gente, mas a gente tem que ter voz ativa, porque antes a gente tinha essa voz ativa. Esse Herval mesmo, quando ele achava que tinha alguma coisa que tinha que ser decidida, ele passava um comunicado, além de passar esse comunicado para a gente assinar ainda pregava esse comunicado nos quadros de aviso e tal, convocando para uma reunião para a gente poder tomar as decisões. Isso faz muita falta. Das pessoas sentirem autonomia daquilo que ela tem, ela é dona daquele imóvel, que ela tem que mostrar a cara dela, que ela não pode ficar repreendida com nada que alguém que está chegando e está te assustando... Não é não, eu já estava aqui quando você chegou, como que você quer sentar na janela desse jeito? Não, eu estou aqui. É isso que está faltando lá.

**Giselle:** Em relação a isso do processo da autogestão você tirou algum conhecimento do processo? Que você levou pra sua vida? Da autogestão.

**Helenice:** Bastante.

**Giselle:** Quais? Me dá exemplos.

**Helenice:** Exemplo de liderança já falei, né? Exemplo de documentação, de fazer uma documentação. Então quando eu vou fazer um ofício, que você tem que fazer a numeração dele tudo certinho, como que dá orgulho pra gente disso... De poder estar participando isso para as pessoas, sabe? Igual, quando eu saí de lá eu fui pedir isso para as pessoas que estão lá, mesmo, entre aspas, como liderança: vamos fazer uma reunião que precisa ser feito, independente de que as pessoas cheguem e fiquem caladas, mas elas saberem que a gente está aqui, que isso ainda continua. Que aqui em casa eles ficam falando que eu não posso nada, mas eu posso lavar, passar, cozinhar... Isso tudo eu posso sabe? "Mãe, a senhora não pode subir na escada!" Tá, mas eu posso por roupa pra secar. Mas eu falei com eles: "gente, o que está faltando, independente que eu não esteja aqui, vocês podem contar comigo para essas reuniões."